

EDUCAÇÃO INCLUSIVA; VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Maria Raquel Avelino Da Silva (1); Ana Viviane Miguel de Azevedo (1); Isabela Pereira Coutinho (2); Maria José Soares de Lima (3); Amanda Nunes Pereira Santos (4).

Universidade Federal da Paraíba – CCHSA; raquel-avelino@hotmail.com (1); Universidade Federal da Paraíba – CCHSA; ana-viviane1@hotmail.com (1); Universidade Federal da Paraíba – CCHSA; isabelinhacoutinho@hotmail.com (2); Universidade Federal da Paraíba – CCHSA; mariajosesoaresxx@gmail.com (3); (4) Universidade Federal da Paraíba – CCHSA, amandanunes-1@hotmail.com

Resumo do artigo: Este trabalho visa discutir a valorização da identidade na Educação de Jovens e Adultos (EJA) relacionando com a educação inclusiva. Sabe-se que a EJA é uma modalidade de ensino a qual atende aos jovens e adultos que estão inseridos dentro de um contexto próprio, como por exemplo, o não acesso à escola em seu período regular. Com isto este público necessita de uma educação diferenciada de outras modalidades, e de outros níveis de ensino, para que sejam acolhidos e estimulados. A educação inclusiva é voltada para salvaguardar os direitos dos sujeitos e sua subjetividade, para que os mesmos possam ser aceitos e valorizados dentro de suas limitações, e tenham o seu contexto histórico respeitado. A escola sendo uma das principais mediadoras de formação e aprendizagem deve proteger, e pensar uma proposta educacional dentro do seu currículo, que respeitem os conhecimentos tragos pelos discentes e suas experiências do dia-a-dia, ficando claro que a escola não pode os afastar, e sim, através da inclusão, buscar desconstruir alguns preconceitos. Para a execução dessa pesquisa utilizamos como processo metodológico o questionário o qual foi realizado uma turma composta por dez alunos os quais estão no 4 ° e 5 ° ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Felinto Elízio localizada no município de Belém/PB. O principal objetivo desse artigo é analisar como é a inclusão dos alunos da turma já citada, em relação à valorização da sua identidade, cultura e contexto social. Com as respostas obtidas e as análises feitas, percebeu-se que a maioria dos alunos almejam aprender a ler e escrever, e que apesar dos obstáculos existentes, existe sim valorização daqueles sujeitos.

Palavras-chave: EJA, educação inclusiva, valorização.

Introdução

Este artigo faz parte de uma pesquisa de coleta de dados feita com 10 discentes de uma turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA– de 4 ° e 5 ° ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Felinto Elízio localizada no município de Belém/PB. Sabe-se que a EJA é uma modalidade de ensino direcionada a um público de jovens e adultos os quais estão inclusos no contexto do não acesso à escola em seu período regular.

A EJA passou a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei Darcy Ribeiro, nº 9394 de 1996 (BRASIL, 1996). A LDBEN 9.394/96, em seu artigo 37 e inciso primeiro consta que:



A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º - Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º - O Poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola (BRASIL, 1996).

Ou seja, a Lei de Diretrizes e Bases Nacional, contempla o direito a educação através da EJA, e considera a educação como direito social à cidadania, garantindo assim o direito de todos à educação, independente de sua idade e que o Poder Público deve estimular o acesso e a permanência de todos na escola e afirmando assim, que a EJA tem seu contexto próprio. O que chama a atenção nessa modalidade de ensino – EJA – é o período do ano letivo, pois, na EJA as séries são semestrais, diferentemente do sistema regular de ensino, que as séries são anuais, então, é possível fazer duas séries escolares em um único ano na EJA. O principal objetivo do nosso artigo é analisar através dos alunos, como eles se percebem incluídos dentro do sistema educacional que os atendem. Decidimos por elaborar esse artigo, através de algumas reflexões, e por termos curiosidade em saber como próprio indivíduo se considera na instituição escolar, será que há motivação? Quais os motivos de evasão? Será que esses sujeitos têm sua identidade valorizada? A instituição como um todo e principalmente os docentes os quais trabalham com a EJA têm grandes responsabilidades de comprometimento com o sujeito, com a história de vida, que na sala de aula, ao entrar na escola continuam com eles, essas histórias devem ser levadas em consideração na construção do saber, pois nelas está o particular de cada aluno. Para chegarmos e há algumas reflexões, como metodologia, utilizamos um questionário. Através dele, se pode ver que os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Felinto Elízio, têm sua cultura valorizada, e uma prática pedagógica contextualizada, porém mesmo assim, uma parte dos alunos não tem motivação para continuar estudando.

O que é educação inclusiva?

Nos dias atuais, muito tem se falado a respeito da educação inclusiva, mas o que é uma educação inclusiva? O que a garante? Por que ela é tão importante para o sujeito quanto aluno? São perguntas recorrentes, porém são estudos de pesquisadores. Segundo Freire (1987) o direito à educação não se reduz somente a está na escola, mas sim em aprender. E, aprender para tomar consciência de seu estado de opressão, para que assim possa se libertar daqueles que o oprimem. A



educação possibilita uma reflexão do indivíduo enquanto ser social que tem seus deveres, mas também seus direitos os quais não podem ser negados, embora alguns movimentos, e algumas classes, venham lutando, e passando por muitas resistências, para alcançar uma educação digna. É fundamental que a escola considere que cada aluno possui sua especificidade para aquisição do conhecimento, por isso o professor deve compreender a singularidade de cada processo de aprendizagem. A educação inclusiva propicia uma convivência de respeito com a diversidade do outro, além de construir valores em relação ao convívio humano. Carvalho (2005) afirma;

Ao refletir sobre a abrangência do sentido e do significado do processo de Educação inclusiva, estamos considerando a diversidade de aprendizes e seu direito à equidade. Trata-se de equiparar oportunidades, garantindo-se a todos, o direito de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. (CARVALHO, 2005).

Neste sentido Carvalho nos diz que, preservar essa diversidade que encontramos no contexto social, e refletir sobre elas, faz com que as oportunidades para o atendimento educacional se estabeleçam. Se não há inclusão, entendemos de que algum modo a escola exclui, ou permite que isso ocorra.

[...] se faz necessário, neste exercício, lembrar que cidadão significa indivíduo no gozo os direitos civis e políticos de um Estado e que cidadania tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão. (Freire, 2001:45).

Assim, dentro de uma perspectiva educacional, que se proponha a valorizar o ato de aprender em uma direção inclusiva, a ação deve estar em razão da intenção. A intenção de incluir deve estar posta em primeiro lugar, visando garantir efetivamente a participação e a aprendizagem do aluno.

Um pouco sobre a EJA no Brasil

Foi a partir da Constituição Federal de 1988 que realmente se definiu uma concepção de Educação de Jovens e Adultos. No artigo 208, a Educação passou a ser um direito de todos, independente da idade, porém as Políticas Públicas não favoreciam esse setor.

A Educação de Jovens e Adultos era resumida - por mais que muitos ainda pensem assim nos dias de hoje - apenas no ato de ler e escrever, mas, com o passar dos anos e as lutas referentes à EJA, ela cresceu de forma significativa, e tem alcançado espaço no sistema educacional. O docente o qual trabalha com alunos da EJA, deve pensar em sua prática como um todo para atender os diversos e diferenciados alunos, e saber que aqueles estudantes não são mais crianças.



Pensar sobre a forma como jovens e adultos pensam e aprendem, no nosso entender, envolve considerar: que essas pessoas não são mais crianças, que são seres que, de alguma forma, foram excluídos da instituição escolar, ou então, que não puderam estar em uma escola, e, ainda, que a cultura trazida por cada um é parte de seus mundos e vivências. (DANYLUK, 2001, p.41)

Precisa-se que o docente resgate com os discentes suas histórias de vida, levando em considerações os conhecimentos que esses alunos já obtêm, ou seja, saber cotidiano. O professor deve fazer com que os alunos pensem de forma crítica e não reproduzir apenas aquilo que o docente diz. "A importância do papel do educador, o mérito da paz com certeza de que faz de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo." (FREIRE, 1996, p. 27) Com essa afirmação, Freire (1996) deixa claro que o docente deve ter em seu planejamento, métodos que façam com que os alunos pensem de forma correta.

Existem diversos motivos pelos quais os alunos já com idade mais avançada tomam a decisão de voltar a estudar, como por exemplo, interagir na sociedade letrada, conquista de um direito, competitividade no mercado de trabalho, e até mesmo a satisfação pessoal, trazendo consigo uma elevada autoestima, vencendo assim as barreiras existentes na exclusão.

Apesar de pontos positivos, devemos deixar claro que são diversos os desafios existentes nessa modalidade de ensino, um deles é a evasão escolar, a mesma é crescente em todas as regiões do Brasil, principalmente na EJA, e só existe essa evasão, pois cada aluno tem seu motivo, sua razão.

A evasão e a repetência apresentam-se como problemas educacionais generalizados, cujas razões relacionam-se a múltiplos fatores de ordem política, ideológica, social, econômica, psicológica e pedagógica e à ausência de metodologias de ensino que incorporem e articulem os conhecimentos dos quais os alunos são portadores. (HADDAD, 2002, p.89)

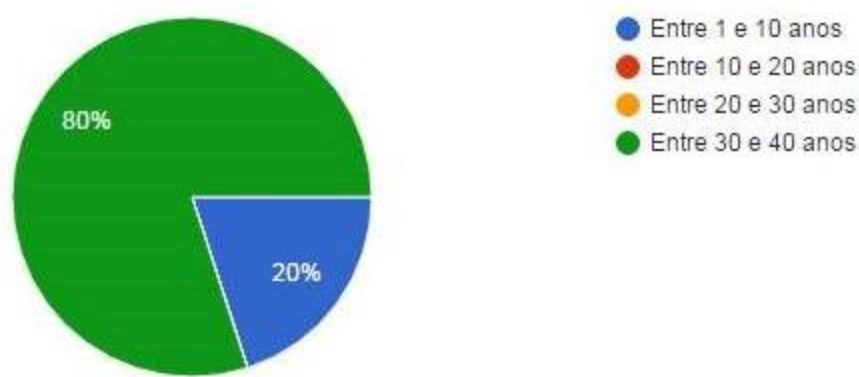
Metodologia

Como técnica metodológica, foi utilizado o questionário que é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas. Preferiu-se esse instrumento por proporcionar respostas objetivas sobre informações que permitem uma classificação de respostas. O estudo em questão é de abordagem qualitativa utilizando-se da modalidade de estudo de caso, que de acordo com Triviños (1987, p. 133): “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente”, o que se enquadra perfeitamente no objeto deste estudo. Entretanto, também fazemos uso dos recursos quantitativos, pois analisamos as respostas dos entrevistados através da tabulação de dados e uso de gráficos. De acordo com Gil (2007), o estudo qualitativo esse tipo de estudo tem como objetivo a descoberta de ideias e/ou aprimoramento de intuições.

Resultados e Discussão

O nosso campo de pesquisa foi uma turma com dez estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA -, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Felinto Elízio, localizada no município de Belém/PB. Especificamente participaram da pesquisa sete mulheres e três homens, com faixa etária entre 42 a 67 anos de idade. As perguntas foram proposta para que pudéssemos nos familiarizarmos com a participação dos mesmos nesta modalidade de ensino, bem como, no seu processo de ensino aprendizagem no decorrer das aulas.

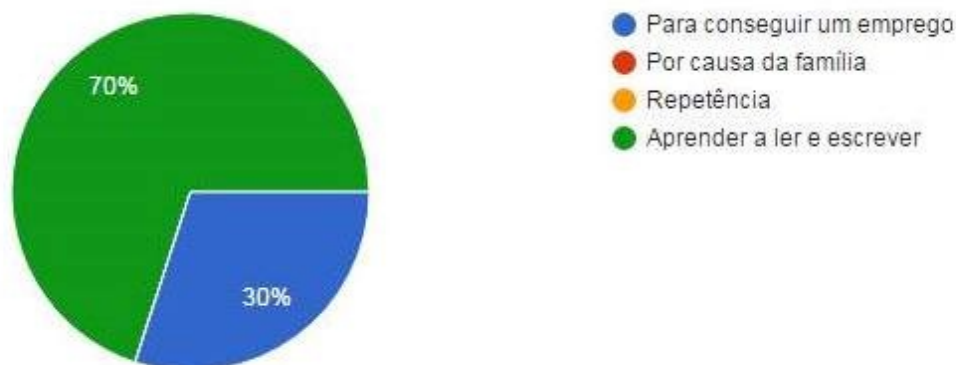
Gráfico I - Quanto tempo você passou fora da escola?



De acordo com o gráfico, podemos observar que a maioria dos estudantes passou entre 30 a 40 anos longe da escola, tendo, portanto, uma quantidade de anos alarmante que esses sujeitos passaram sem acesso ao contexto educacional de maneira formal. É importante ressaltar dois questionamentos. **Primeiro: Será que a escola além de garantir o acesso, garante também à permanência para esses alunos continuarem?** Os problemas relacionados à evasão escolar muitas vezes são tratados pelos órgãos governamentais como sendo de responsabilidade do próprio aluno, atribuindo a eles a culpa por suas dificuldades de aprendizagem e fracasso escolar. Segundo Arroyo (2003), fala-se de aluno evadido, não de aluno excluído. Fala-se de fracasso do aluno, não do fracasso da escola. **Segundo: qual motivo levou os estudantes dessa turma passar tanto tempo distante da escola?** Quando o estado responsabiliza o educando pelo seu fracasso, considerando somente as questões individuais, esquece que estas são provocadas por fatores de ordem socioeconômica, que deixam ainda mais evidentes as desigualdades. Ou seja, fatores relacionados à sua própria existência, como família, emprego, localidade, entres outros aspectos que nos possibilitará partir para o próximo questionamento.



Gráfico II - Por qual motivo você está estudando na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA)



Surpreendentemente esse resultado traz a força de vontade de pessoas que mesmo com idade avançada buscam aprender ler e escrever, bem como, a possibilidade de conseguir um emprego. Como explica Martins (1994, p. 22) a respeito da importância da leitura, afirmando assim que a leitura é algo essencial na vida do ser humano: “Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural”.

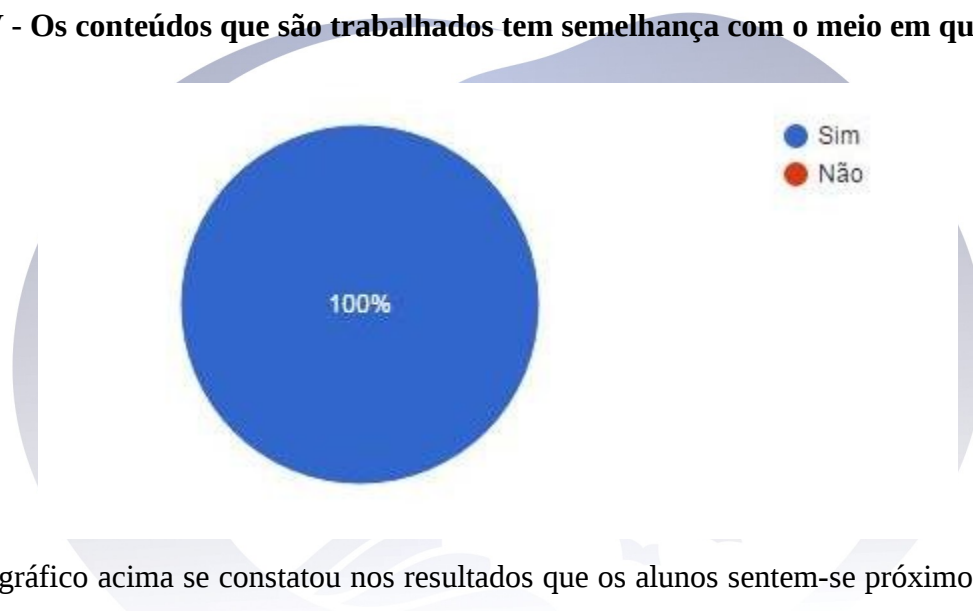
Gráfico III - Você se sente valorizado na escola?





Quando questionados se eles se sentem valorizados na escola, obteve-se um resultado unânime e positivo, tendo como comprovação as questões relacionadas à valorização. Acreditamos que a escola deve direcionar o seu olhar para uma educação que valorize esses indivíduos e os conhecimentos trazidos do seu contexto sociocultural, garantindo, assim, que a experiência dos sujeitos seja respeitada, ao invés de padronizar métodos sem considerar essa peculiaridade. Reconhecer que esses alunos têm capacidades individuais e criativas é uma importante iniciativa para fazer com que permaneçam na escola. É preciso ouvir, conhecer o educando, sua história, sua realidade para que possam construir outra realidade escolar, desmistificando ideias preconcebidas que julgam esses alunos fracassados.

Gráfico IV - Os conteúdos que são trabalhados tem semelhança com o meio em que você vive?



No gráfico acima se constatou nos resultados que os alunos sentem-se próximo ao conteúdo posto em sala de aula. Levando em consideração a importância de contextualizar o meio em que eles vivem, vemos que as especificidades culturais, políticas e sociais estão sendo dialogadas. Chartier (1996, p. 115) enfatiza que:

“[...] é importante multiplicar, no período da aula, as oportunidades para que os alunos falem sobre as situações da vida, do bairro, da família, das relações de vizinhança, do calendário, os atos da vida cotidiana, que constituem o pano de fundo de muitos escritos escolares, valorizando, assim, as diferentes formas de oralidade.”

Acredita-se que, além de ensinar a alfabetizar, através de leitura e escrita de textos, é importante a valorização da expressão oral, de vivências e situações extra-escolares que esses educandos trazem ao ingressarem no espaço educativo formal.



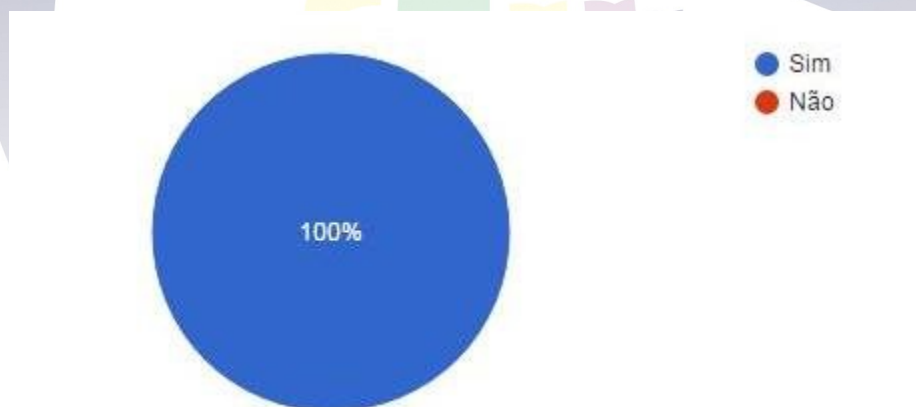


Gráfico V - Você já teve vontade de desistir de estudar da EJA por alguns desses motivos?



Neste gráfico, obtive um resultado dicotômico, na qual podemos notar que a causa para pensar em desistir de estudar está entre o cansaço e o outro ponto, estão os alunos que nunca pensaram em desistir.

Gráfico VI - Você tem vontade de continuar os estudos?



Percebe-se que embora exista algumas dificuldades, a vontade de permanecer na escola é presente na vida de todos. Temos essa resposta deles como um reforço ainda maior de uma educação digna para esses sujeitos que valorizam a aprendizagem. Para isso se faz necessário o comprometimento do professor. Paulo Freire reafirma a necessidade dos educadores criarem as condições para a construção do conhecimento pelos educandos como parte de um processo em que professor e aluno não se reduzam à condição de objeto um do outro, porque ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Segundo o autor, essa linha de raciocínio existe por sermos seres humanos e, dessa maneira, temos

consciência de que somos inacabados, e esta consciência é que nos instiga a pesquisar, perceber criticamente e modificar o que está condicionado, mas não determinado, passando então a sermos sujeitos e não apenas objetos da nossa história. Ensinar requer a plena convicção de que a transformação é possível porque a história deve ser encarada como uma possibilidade e não como um determinismo moldado, pronto e inalterável. O educador não pode ver a prática educativa como algo sem importância, sendo preciso lutar e insistir em revoluções e mudanças.

Conclusões

Após tudo o que foi posto no decorrer do trabalho, conclui-se que apesar de todos os obstáculos que ainda encontram-se na Educação de Jovens e Adultos, existem pessoas as quais estão prontas para mudar esse cenário – ou ao menos tentar – e que contribuem de forma significativa na formação de sujeitos.

As análises das informações obtidas na pesquisa e as contribuições trazidas pelos autores citados ao longo do trabalho permitiram problematizar as afirmações trazidas pelos alunos os quais participaram do estudo. Sabe-se não dar para tirar conclusões em relação à EJA como um todo, já que a pesquisa foi feita com uma pequena turma de dez alunos, porém, serve como um estudo para análise da escola, que através desses dados a mesma possa analisar esta contribuindo na formação daqueles sujeitos.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. In: **Construção coletiva: contribuições à Educação de Jovens e Adultos. Brasília:**

BRASIL. LEI N° 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>

CHARTIER, Anne-Marie; CLESSE, Chistiane; e HEBRARD, Jean. **Ler e escrever:** entrando no mundo da escrita. Porto Alegre: Artmed, 1996.

DANYLUK, Ocsana Sônia (Org.). **Educação de adultos.** Porto Alegre, RS: Sulina, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia- Saberes necessários à prática educativa.** 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HADDAD, Sérgio. **Educação de jovens e adultos no Brasil: 1986-1998.** Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2002.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

MARTINS, Maria Helena. São Paulo, Brasiliense, 2003. – (Coleção Primeiros Passos; 74)

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO/MEC/RAAAB, 2005.

